



biodiversidade transformada

A exuberância da natureza brasileira é fato conhecido e reconhecido. Desde 1500 a base da nossa economia tem sido a venda de frutos brutos da nossa vegetação, sem beneficiamento. Tivemos os ciclos da cana de açúcar, do café, da borracha. Nossas madeiras foram sucessivamente exploradas e exportadas (ou contrabandeadas), do pau-brasil ao mogno, passando pelo jacarandá. O agronegócio respondeu por 46,2% das exportações do Brasil em 2015, com liderança da soja.

Também é fato sabido que fincar as bases da economia em commodities com preços ditados pelo mercado internacional é um caminho frágil, pois, como diz o jargão, o que “agrega valor” econômico é justamente a transformação das matérias-primas em produtos acabados.

O que ainda é pouco conhecido e nada reconhecido é como artesãos-designers de todo o país têm dado preciosas lições nessa transformação. Uma oportunidade de tomar contato com a extensão desse fenômeno é a exposição Origem Vegetal, em cartaz até 24 de setembro no Rio de Janeiro, curada pelo designer carioca Jair de Souza e por mim. A mostra marca a inauguração do Crab – Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro, magnífico conjunto de edifícios históricos na praça Tiradentes, no centro, restaurado para abrigar essa instituição com o objetivo de “transformar o artesanato em objeto de desejo através do reposicionamento de sua imagem”.

O Sebrae nos pediu um panorama com obras provenientes das 27 unidades da federação. No país de maior biodiversidade do mundo, propusemos voltar o olhar para aqueles feitos com matérias-primas de origem vegetal.

A exposição tem números superlativos. Ela apresenta 734 objetos, entre utensílios, cestos, luminárias, móveis, adornos, brinquedos e várias outras tipologias. Os autores são associações e cooperativas de artesãos – presença majoritária –, designers que têm agido na revitalização do artesanato, e artistas como Véio, Antônio de Dedé e Zé Bezerra, oferecendo uma visão plural e transversal do objeto artesanal feito por criadores em atividade. No total, são 190 participantes.

Quando decidimos pelo recorte, imaginamos atingir cerca de 40 espécies vegetais. À medida que a pesquisa foi avançando, no entanto, chegamos a 101 espécies devidamente identificadas. O ato de nos debruçarmos nessa realidade permitiu constatar que os artesãos usam os materiais encontrados em seu entorno. Madeiras variadas e fibras de espécies como carnaúba, taboa, junco, sisal, coqueiro, arumã,

bacaba e tucum fazem parte da tradição. De algumas delas são extraídas diferentes partes, para diferentes usos. O buriti, por exemplo, é chamado de “árvore da vida” por índios e caboclos, pois seu tronco oferece uma fécula comestível; o broto dá uma fibra maleável e delicada, chamada de seda e usada para fazer objetos inteiros ou costurar outras fibras; o caule dá canoas e caixas; e a polpa serve para doces e geleias, entre outros empregos.

Tal raciocínio de explorar diferentes usos da mesma planta foi ampliado recentemente. A casca que envolve o grão seco do café era usada apenas como componente de adubo até ser empregada na elaboração de bowls e objetos de mesa pela Associação de Artesãos Rio Novo do Sul (ES). A palha de milho era alimento para porcos no povoado do Muquém (MG), até o designer Renato Imbroisi compor com ela e com fios de algodão painéis e jogos americanos. A piaçava das vassouras e dos capachos foi alçada a material de confecção de móveis pelos irmãos Campana.

A exposição é um passeio pelo Brasil através de seus materiais. Os objetos são feitos com espécies de nomes sonoros como guajará, inajá, bacaba, paxiúba, morototó, jupati e pariri. Do mandacaru, Antonio Rabelo, de Quixeramobim (CE) extrai espinhos e os associa à prata para fazer anéis, colares e brincos. João Gomes da Silva, o João de Fibra, faz maravilhas com o capim coloniã, que cresce “à toa” nas beiras das estradas de Goiás. Já a Associação das Artesãs Flor do Marajó (PA) explora com maestria a resistência e flexibilidade do tururi, fibra que envolve os frutos da palmeira ubuçu.

As borrachas são um mundo à parte. Há coisas muito interessantes sendo feitas com o leite da seringueira unido a pó de serra, anticoagulante e corantes vegetais. Exemplos são os jogos americanos com formas de folhas de árvores locais da Associação dos Seringueiros do Seringal Cazumbá, em Sena Madureira, e os sapatos de José Rodrigues, conhecido como Doutor da Borracha, em Epitaciolândia, ambos no interior do Acre. Se antes os seringueiros vendiam o leite sem beneficiamento, hoje fazem as mantas e as colorem ali mesmo. Pode-se imaginar o impacto econômico dessa mudança.

Espero que a exposição contribua para que nosso país não seja reconhecido apenas como detentor de uma natureza exuberante, mas também de pessoas que, com suas mãos e inteligência criativa, transformam esses materiais brutos em objetos que falam ao nosso coração.

Adélia Borges é crítica e curadora especializada em design.



Em rosa, utensílios da associação Tranças da Terra, de Joaçaba (SC), com co-design de Karin Wittmann. No alto, obra de Valmir Lessa Lima, da Ilha do Ferro (AL). Acima, aparador Vai e Vem, de Érico Godim e artesãs de Itaiçaba (CE). Ao lado, jogos americanos de borracha feitos por seringueiros de Sena Madureira (AC). Abaixo, banco Kururu, de Rodrigo Ambrósio e Rona Silva com artesãs de Pontal de Coruripe (AL).

